

Capítulo 1

As pontes de Amesterdão

O ícone é uma prova ontológica da existência de Deus: existe a *Santíssima Trindade* de Andrei Rublev, por isso Deus existe. O ícone é uma transparência visível do vasto invisível, um espelho metafísico, um lençol de luz que fixa «espectáculos misteriosos e sobrenaturais», como refere uma máxima de Dionísio, o Areopagita.

A galeria de ícones mais antiga de Amesterdão chama-se Tóth-Ikonen e fica na Nieuwe Spiegelstraat, n.º 68. É especializada em ícones russos de madeira do século XVI ao século XIX: O *Patriarca Jacob*, a *Nossa Senhora de Kazan*, a *Nossa Senhora de Tichvin*, a *Nossa Senhora de Feodor*, o *Nascimento de Cristo*, o *Retrato de Cristo*, os *Arcanjos Miguel e Gabriel*... A galeria tem igualmente uma vasta colecção de ícones de viagem, em bronze.

— Quando nos apaixonamos por um ícone é muito difícil separarmo-nos dele — disse o homem.

Kate sorriu.

— Eu não penso separar-me dele...

O homem abriu a porta e Kate saiu para a rua, vestindo o casaco de veludo azul-escuro. A noite caíra enquanto estivera na

galeria. As lâmpadas brilhavam ao longo da Nieuwe Spiegelstraat, pequenas lâmpadas que lembravam vagamente o Natal. Naquela rua havia muitos antiquários, as portas fechadas, que só se abriam quando alguém tocava a campainha.

Katie apertou o saco de encontro ao peito. O *seu* ícone. Custara uma pequena fortuna. Mas o homem tinha razão. Apaixonara-se por ele em poucos segundos, e seria impossível deixá-lo para trás.

Desceu a rua devagar e encontrou-se junto ao Keizersgracht.

Era o princípio de Novembro. O Outono em Amesterdão. Um pouco de frio, uma chuva forte de vez em quando, e depois o céu ficava muito azul, muito límpido.

Katie pensou mais uma vez que gostaria de ter uma casa no centro da cidade. Talvez um rés-do-chão. Imaginava uma daquelas ruazinhas estreitas, uma entrada rodeada de flores, um corredor com quartos dos dois lados, e ao fundo uma porta que dava para um pequeno pátio com erva, canteiros, uma mesa e duas cadeiras, mesmo junto ao canal. E um barco amarrado. Passear à noite no seu barco, nos canais silenciosos, sob as velhas pontes. E no Inverno, quando os canais estivessem gelados, ver as crianças a patinar, indiferentes ao frio, os rostos vermelhos...

— Talvez eu conseguisse escrever.

No seu jardim das traseiras, junto ao canal. Pela noite dentro. Até se esquecer de quem era. E depois entrar em casa e ir dormir, cansada, gostava de deitar-se cansada.

Começou a andar ao longo do canal, cruzando-se com algumas pessoas a pé ou de bicicleta. Uma ponte, e depois outra ponte...

O seu vulto esguiou a caminhar pelas ruas de uma cidade que conhecia mal...

Uma imagem antiga.

Kate Dylan era alta e esbelta, o cabelo castanho, comprido, com reflexos cor de cobre, os olhos castanhos-escuros, a boca um pouco grande de mais. Havia nela qualquer coisa de vaga-

bundo; ou de peregrino, talvez. Tinha algo a ver com as pernas compridas, com a sua forma de andar ou de olhar para longe. Como o pai, diziam. Uma alma de viajante que transparecia no rosto, no corpo, nos movimentos. Mas de tempos a tempos, quando alguma coisa a tocava fundo, o olhar tornava-se muito suave, muito quente, e dava a impressão de estar disposta a entrar numa casa e fechar a porta atrás de si. E sentar-se num jardim ao entardecer, com um livro aberto no colo, o olhar perdido num muro de pedra ou na água escura de um rio. Um cão ou um gato deitado aos seus pés.

Uma chuva súbita fez Katie abrigar-se num portal. Do lado de dentro de uma vidraça estava um gato branco. Ela divertiu-se a provocá-lo, batendo com os nós dos dedos na vidraça.

A chuva parou, o céu ficou de novo limpo, de um azul frio e escuro. Katie continuou o seu caminho, uma ponte, e depois outra ponte. Não fazia a menor ideia de onde se encontrava, o que não tinha importância, gostava de perder-se nas cidades desconhecidas... Mas começava a sentir frio. Os jeans, a camisola branca e o casaco azul-escuro não a aqueciam muito, e nem sequer trouxera um cachecol. Viu por instantes o seu vulto na montra de uma loja, o cabelo apanhado na nuca fazia-a parecer mais magra, as mãos nos bolsos do casaco faziam-na parecer um vagabundo. O importante não é viver, mas viajar. Ela viajava. Sempre.

De repente, apercebeu-se de que não havia ninguém naquelas ruas. O som abafado dos seus passos dava-lhe um certo conforto, porque a noite tornara-se estranhamente silenciosa.

Aquele canal já não devia ser o Keizersgracht, tinha a sensação de se ter afastado a certa altura. Mas em Amesterdão é fácil caminhar em círculos, talvez não estivesse muito longe.

As ruazinhas escuras, as portas fechadas, as árvores, as bicicletas acorrentadas nas bermas, os barcos amarrados no canal. E um silêncio que parecia vir da água, ou das pontes. Uma ponte surgiu à sua frente e Katie resolveu atravessá-la.

Já tinha andado alguns metros quando viu o homem que avançava na sua direcção. Era estranho não o ter visto antes. Quase como se se tivesse materializado de um momento para o outro. Mas Katie nem pensou nisso.

Porque Katie tinha-o reconhecido. E, como quando era criança e entrava na enorme igreja de pedra que ficava a umas centenas de metros da sua casa, teve a impressão de deslizar devagarinho para a eternidade. Quando se vive muito próximo de uma igreja como esta, dissera-lhe o pai um dia, é fácil entrar e sair da eternidade.

O homem era alto, uns centímetros mais alto do que ela, e era magro. Vestia uns jeans escuros e um casaco cinzento. Embora não houvesse muita luz, Katie viu perfeitamente o seu cabelo castanho, com alguns fios brancos, os olhos castanhos-escuros, os lábios demasiado finos. E reconheceu os seus passos, os seus movimentos. Um frio súbito fê-la encolher-se um pouco, mas os seus olhos não se desviaram dos dele; quando passaram um pelo outro susteve a respiração. Os seus passos não eram muito firmes quando chegou ao fim da ponte e seguiu por uma rua estreita, sem olhar para trás.

Alguns minutos depois Katie encontrou-se numa praça que lhe pareceu familiar. Um pouco mais longe, um grupo de jovens conversava animadamente junto a um café. Katie deixou-se cair num banco e cobriu o rosto com as mãos geladas.

— Não pode ser — murmurou.

Quando destapou o rosto, havia mais pessoas na praça. Conhecia bem aquele lugar. A livraria americana ao fundo. Um quiosque onde já parara mais de uma vez para tomar um café e comer um *muffin*. *Muffins* sem fruta, com um sabor muito puro. Sentiu-se mais tranquila e tentou pensar.

Afinal, descobrira há muito tempo que o mundo é pequeno. Ele vivia em Nova Iorque e ela vivia em Londres. Era talvez improvável que se encontrassem um fim de tarde numa pon-

te de Amesterdão. Mas não era impossível. Nada era impossível.

No entanto, era muito perturbador. Não o facto mas o que sentira. Quando olhavam um para o outro. Aquele reconhecimento antigo, fundo, nos olhos dele. Porque ele também a reconhecera.

— O actor nos meus livros — disse Katie baixinho.

E nos seus livros ele chamava-se sempre Tom.

No seu quarto de estudante, em Oxford, havia fotografias dele nas paredes. Páginas que arrancara de revistas. Mais tarde, na casa que dividira com o marido, também havia inúmeras fotos dele, recortadas de revistas, dentro dos seus livros, dos seus cadernos de apontamentos. O rosto dele. O corpo dele. O actor nos seus livros.

Alguns pingos de chuva fizeram-na levantar-se do banco. Dirigiu-se à Kalverstraat e entrou num café. Tomou um chá de limão que a fez sentir-se mais quente. Lá fora, um som cortante fê-la perceber que a chuva se transformava em granizo. Ouvira aquele som na noite anterior no seu quarto de hotel.

Eram quase sete e meia. Quando parou de chover, Katie dirigiu-se ao hotel, passando pelo mercado de flores, pelo Prinsengracht, pelo Keizersgracht. Estava muito perto da galeria onde algumas horas antes comprara o ícone. Num gesto instintivo apertou contra o peito a bolsa de cabedal onde o guardara. Queria deixá-lo em segurança no hotel, antes de sair para jantar. Depois um teatro, talvez.

Naquela noite, assustava-a a ideia de vaguear sozinha pelas pontes de Amesterdão.